
O potencial das tecnologias de informação e comunicação como ferramentas de psicoeducação na era das fake news

The potential of information and communication Technologies as psychoeducation tools in the era of fake news

El potencial de las tecnologías de la información y la comunicación como herramientas de psicoeducación en la era de las fake news

Gustavo Rodrigues Oliveira



- <https://orcid.org/0000-0003-2277-2688>

Carla Ferreira Gomes - <https://orcid.org/0000-0001-9306-2291>

Fernanda Morandi Riegel Machado - <https://orcid.org/0000-0002-5202-7972>

Juliana Nichterwitz Scherer - <https://orcid.org/0000-0002-9235-0416>

Resumo:

O combate a disseminação de notícias falsas e a desinformação em saúde tem sido apontado como um dos maiores desafios atuais dentro da saúde coletiva mundial. A psiquiatria e as áreas relacionadas à saúde mental são especialmente impactadas pela falta de educação em saúde, uma vez que estas ainda são fortemente relacionadas a estigmas e a marginalização social. Neste artigo, abordaremos as vantagens e as limitações do uso de tecnologias de informação e comunicação como ferramentas de psicoeducação, apontando futuros direcionamentos para o desenvolvimento dessas tecnologias.

Palavras-chave: educação em saúde, saúde mental, tecnologia da informação, estratégias de eSaúde

Abstract:

Abstract: Combating the spread of fake news and health misinformation has been identified as one of the biggest current challenges within global

public health. Psychiatry and areas related to mental health are especially impacted by the lack of health education, as these are still strongly related to stigma and social marginalization. In this article, we will address the advantages and limitations of the use of information and communication technologies as psychoeducation tools, pointing out future directions for the development of these technologies.

Keywords: health education, mental health, information technology, eHealth strategies.

Resumen:

La lucha contra la difusión de noticias falsas y desinformación sobre la salud se ha identificado como uno de los mayores desafíos actuales dentro de la salud pública mundial. La psiquiatría y las áreas relacionadas con la salud mental se ven especialmente impactadas por la falta de educación en salud, ya que aún están fuertemente relacionadas con el estigma y la marginación social. En este artículo abordaremos las ventajas y limitaciones del uso de las tecnologías de la información y la comunicación como herramientas de psicoeducación, señalando direcciones futuras para el desarrollo de estas tecnologías.

Palabras clave: educación en salud, salud mental, tecnología de la información, estrategias de eSalud.

Como citar: Oliveira GR, Gomes CF, Machado FMR, Scherer J. O potencial das tecnologias de informação e comunicação como ferramentas de psicoeducação na era das fake news. Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, 2022; 12:1-8.

<https://doi.org/10.25118/2763-9037.2022.v12.401>

Conflito de interesses: declaram não haver

Fonte de financiamento: declaram não haver

Parecer CEP: não se aplica

Recebido em: 24/08/2022

Aprovado em: 13/09/2022

Publicado em: 22/10/2022

É indiscutível que os avanços relacionados às tecnologias de informação e comunicação (TICs) crescem em ritmo exponencial, facilitando o acesso à informação e aproximando a academia da sociedade civil. Entretanto, junto a isso, vemos a crescente disseminação de notícias inverídicas e sem embasamento científico, que, como evidenciado durante a pandemia da COVID-19, podem impactar severamente na saúde física e mental da população [1].

Dentre todas as áreas da medicina, a Psiquiatria é uma das mais vulneráveis à disseminação de notícias falsas, uma vez que esta já está associada a estigmas e à marginalização social.

Nesse sentido, é comum nos depararmos com sites e perfis digitais que “lucram” com a divulgação de Fake News sobre transtornos mentais, usando muitas vezes vocabulário científico e manchetes midiáticas para chamar a atenção e ludibriar o público leigo. Assim, a educação em saúde e a comunicação da ciência tem sido áreas de crescente preocupação e impacto para as políticas públicas, especialmente no Brasil, onde o letramento em saúde é extremamente precário.

Uma vez que a educação, a informação e a tecnologia são hoje elementos indissociáveis, as TICs passam a ter um papel fundamental na área da saúde, e novos estudos estão avaliando o potencial de diversas ferramentas digitais como estratégias de psicoeducação na população. De forma geral, muitas das novas intervenções psicoeducacionais baseadas na web e em dispositivos móveis tem resultados comparáveis ou inclusive melhores que as intervenções presenciais [2].

Isso porque o acesso cada vez mais amplo às conexões de alta velocidade e o potencial de entrega móvel tornam essas modalidades de abordagem mais acessíveis aos indivíduos em risco e de difícil acesso. Além disso, as TICs proporcionam possibilidades e recursos que podem reduzir a carga sobre os profissionais de saúde mental e contribuir como ferramentas complementares no cuidado em saúde [3].

Um exemplo de TICs com potencial uso para a psicoeducação são os chatbots, que consistem em ferramentas de conversação automatizadas, e que podem ser desenvolvidos por meio de inteligência artificial ou por um fluxo de conversa contínuo pré-definido. Os chatbots, quando programados e desenvolvidos para a utilização dentro da área da psiquiatria, podem disseminar informações científicas sobre questões

relacionadas a saúde mental (ex: fatores de risco, sintomas, acesso à saúde), promover ações de promoção a saúde e de prevenção à transtornos mentais (ex: trazer dicas de meditação e autorregulação) e levantar dados em saúde (ex: dúvidas mais frequentes, conhecimento popular sobre temáticas específicas) [4].

Assim, os chatbots podem oportunizar aprendizado e educação em saúde ao usuário, que pode direcionar sua busca de informações a partir dos seus interesses e de suas necessidades. Um dos primeiros chatbots que se mostrou efetivo para desfechos de saúde mental foi o Woebot, um agente conversacional desenvolvido com o objetivo de promover estratégias de psicoeducação e terapias cognitivo-comportamentais (TCC) para estudantes universitários que se identificavam como tendo sintomas de ansiedade e depressão [5].

Nesse chatbot, a experiência do usuário é centrada no rastreamento de humor e em conversas personalizadas e orientadas a objetivos que podem, dependendo da entrada e da escolha do usuário, focar na psicoeducação da TCC, aplicação de habilidades psicoterapêuticas para mudança (por exemplo, desafiar o pensamento), exercícios de atenção plena, diário de gratidão, e/ou refletindo sobre padrões e lições já abordadas. Segundo a literatura, o Woebot se mostrou efetivo para redução de sintomas de depressão entre os usuários [5].

Ainda, uma recente adaptação da ferramenta que incluiu módulos de entrevista motivacional, treinamento de atenção plena e terapia comportamental voltados para a prevenção de recaídas em usuários de substâncias psicoativas foi analisada em um ensaio clínico, demonstrando diminuição da fissura e dos sintomas de depressão e ansiedade neste público [6].

Mídias sociais, ferramentas de telessaúde e aplicativos de dispositivos móveis também têm sido apontados como facilitadores da prestação de serviços de saúde mental e podem ser considerados parte de um espectro de cuidados baseados na internet das coisas.

Os aplicativos de saúde, por exemplo, são colocados como uma oportunidade para que os usuários melhorem o bem-estar, promovendo a prevenção e reduzindo a morbidade associada aos transtornos mentais. Entre as vantagens, eles oferecem a portabilidade para acesso a qualquer

hora e em qualquer lugar, são baratos em relação a outras ferramentas e possuem recursos adicionais de interação (ex: áudio, fotos) [7].

Recentemente, por exemplo, Selaskowski e colaboradores (2022) publicaram os resultados de um ensaio clínico randomizado e controlado que investigou a eficácia de um aplicativo gratuito de psicoeducação para adultos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade [8].

Nesse estudo, os sujeitos participavam de intervenções de psicoeducação tradicionais conduzidas por clínicos especialistas, e, após as sessões, os grupos previamente randomizados faziam a continuidade da intervenção de forma remota pelo aplicativo ou por folhetos em papel. Em ambos os grupos, as tarefas remotas eram as mesmas, e tinham o objetivo de fazerem os participantes refletirem individualmente sobre o conteúdo da psicoeducação, promoverem uma aprendizagem mais profunda e estimularem a aplicação das estratégias aprendidas na vida cotidiana.

Os autores reportaram que apesar das duas formas de apoio ao tratamento terem mostrado resultados positivos, a psicoeducação assistida por smartphone foi significativamente mais eficaz em melhorar a desatenção e a impulsividade e levou a uma maior adesão às tarefas do que a psicoeducação assistida pelos folhetos [8].

Apesar de promissoras, é importante salientar que a grande maioria das ferramentas de TICs aplicadas à área da saúde mental não são desenvolvidas com o envolvimento de profissionais da saúde e nem a partir de evidências científicas. Ainda, muitas vezes essas tecnologias carecem de uma avaliação robusta de usabilidade, aplicabilidade, efetividade e adesão [7].

Não obstante, a implementação das TICs no contexto da psicoeducação precisa ser realizada a partir de métodos científicos e discutida a luz das perspectivas éticas, sociais e econômicas, para que estas não sejam propulsoras de desigualdades na saúde. Sabe-se que o acesso à internet e aos meios digitais, por exemplo, ainda é muito heterogêneo no Brasil, e por isso essa não pode ser a única estratégia de educação em saúde.

Uma vez que o uso de TICs na saúde mental já é uma realidade, é importante que profissionais da saúde estejam envolvidos no processo de desenvolvimento e avaliação destas ferramentas. O acesso à informação é um dos elementos mais importantes para a saúde pública contemporânea,

e a educação em saúde volta a ser uma atividade de extrema relevância entre profissionais da saúde e políticos públicos. Informação falsa precisa ser combatida com informação correta, de qualidade e de fácil acesso, a fim de promover evidências científicas sobre saúde mental, diminuir o preconceito social frente a transtornos mentais e fortalecer a busca pelo cuidado e por práticas preventivas. Se a saúde é coletiva, o conhecimento também deve ser.

Referências

- 1. Rocha YM, Moura GA, Desidério GA, Oliveira CH, Lourenço FD, Figueiredo Nicolete LD. The impact of fake news on social media and its influence on health during the COVID-19 pandemic: a systematic review. *Journal of Public Health (Germany)* 2021. <https://doi.org/10.1007/s10389-021-01658-z>
- 2. Merchant R, Torous J, Rodriguez-Villa E, Naslund JA. Digital technology for management of severe mental disorders in low-and middle-income countries. *Curr Opin Psychiatry* 2020;33:501. <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000626>
- 3. Zhao D, Lustria MLA, Hendrickse J. Systematic review of the information and communication technology features of web-and mobile-based psychoeducational interventions for depression. *Patient Educ Couns* 2017;100:1049–72. <https://doi.org/10.1016/J.PEC.2017.01.004>
- 4. Vaidyam AN, Wisniewski H, Halamka JD, Kashavan MS, Torous JB. Chatbots and conversational agents in mental health: a review of the psychiatric landscape. *Canadian Journal of Psychiatry* 2019;64:456–64. <https://doi.org/10.1177/0706743719828977>
- 5. Fitzpatrick KK, Darcy A, Vierhile M. Delivering cognitive behavior therapy to young adults with symptoms of depression and anxiety using a fully automated conversational agent (Woebot): a randomized controlled trial. *JMIR Ment Health*. 2017;4(2):E19 <https://doi.org/10.2196/MENTAL.7785>

6. Prochaska JJ, Vogel EA, Chieng A, Kendra M, Baiocchi M, Pajarito S, Robinson A. A therapeutic relational agent for reducing problematic substance use (Woebot): Development and Usability Study. *J Med Internet Res.* 2021;23(3):E24850
<https://doi.org/10.2196/24850>
7. Bakker D, Kazantzis N, Rickwood D, Rickard N. Mental health smartphone apps: review and evidence-based recommendations for future developments. *JMIR Ment Health.* 2016;3(1):E7.
<https://doi.org/10.2196/MENTAL.4984>
8. Selaskowski B, Steffens M, Schulze M, Lingen M, Aslan B, Rosen H, Kannen K, Wiebe A, Wallbaum T, Boll S, Lux S, Philipsen A, Braun N. Smartphone-assisted psychoeducation in adult attention-deficit/hyperactivity disorder: a randomized controlled trial. *Psychiatry Res.* 2022;317:114802.
<https://doi.org/10.1016/J.PSYCHRES.2022.114802>

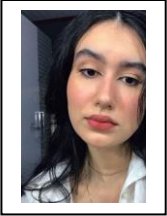


Gustavo Rodrigues Oliveira



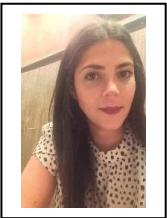
[ORCID](#)

[Lattes](#)



Carla Ferreira Gomes

[ORCID](#)



Fernanda Morandi Riegel Machado

[ORCID](#)

[Lattes](#)



Juliana Nichterwitz Scherer

[ORCID](#)

[Lattes](#)